

ENTREVISTAS
As fronteiras entre jornalismo e literatura
Ruth Lanna – curadora da FLIP
Deonísio da Silva – escritor

Por Felipe Pena

A Festa Literária Internacional de Parati de 2006 reservou um amplo espaço para o jornalismo literário. As duas mesas que discutiram o tema estiveram entre as mais concorridas do evento e ganharam muito espaço na imprensa. Batizadas com o epíteto de “profissão repórter”, elas contaram com profissionais renomados, como Lillian Ross, Philip Gourevitch, Fernando Gabeira e o polêmico Christopher Hitchens, cuja defesa da invasão do Iraque pelo governo Bush indignou a platéia de Parati e provocou acaloradas discussões entre jornalistas e intelectuais.

Outro fato relevante sobre o jornalismo literário é que as grandes editoras vêm investindo muito no gênero. A Rocco, por exemplo, trouxe Tom Wolfe na penúltima bienal do livro, e a Cia. das Letras criou uma série para reeditar clássicos de Truman Capote, Joel Silveira e Gay Talese, entre outros. Isso sem falar no grande mercado de biografias, que também podem ser consideradas como um de seus sub-gêneros.

Para a diretora de programação (ou curadora, como é adequado a quem se dedica à arte) da FLIP, Ruth Lanna, a discussão entre literatura e jornalismo não se apresenta como uma tendência, mas é apenas mais um debate relevante, rico e atual a ser melhor elaborado no Brasil. Já para o escritor Deonísio da Silva, cujos romances enveredam por assuntos veiculados na imprensa, o jornalismo precisa fazer a articulação com a literatura de forma mais intensa. No cerne da necessária tensão entre narrar e descrever, o jornalista tem que se dar conta de que a foto e a imagem descrevem melhor do que ele. Então, ele precisa narrar. E precisa aprender a narrar com os grandes narradores, que são os mestres da literatura brasileira, muitos deles, jornalistas.

Deonísio, que não é jornalista, fala com a experiência de quem comandou por dois anos a maior faculdade de comunicação do país, com 6800 alunos, a Estácio de Sá, no Rio de Janeiro. O que não deixa de ser sintomático: um ficcionista no comando de um curso que ensina a relatar a realidade. Como escritor, ele projeta um olhar crítico sobre a Guerra do Paraguai no romance *Avante, soldados, Para Trás* através da ficcionalização, que é

uma estratégia muito eficiente para caracterizar este cruel episódio da história brasileira e latino-americana. O autor foi seminarista e o cenário de outro de seus romances, *Teresa – namorada de Jesus*, é exatamente um seminário. Ele descreve com precisão o ambiente entre os jovens meninos candidatos ao sacerdócio, como se fosse um repórter de si mesmo. Mas acrescenta a narrativa ficcional, que dá ainda mais realismo ao enredo.

Deonísio da Silva também escreveu o célebre *A cidade dos padres* (1986), e já recebeu importantes prêmios literários. Seu livro de estréia, *Exposição de Motivos* (1976), foi premiado pelo MEC e transposto para o teatro e para a televisão, com direção de Antunes Filho. Também *Teresa* foi transposto para o teatro, sob a direção de José Néelson de Freitas. Mas, depois de ganhar o prêmio *Casa de las Américas* por *Avante, Soldados: Para Trás*, que contou com o nobel José Saramago na comissão julgadora, nunca mais se inscreveu em concursos.

Já a curadora Ruth Lanna é formada em Ciências Sociais pela USP e abandonou na metade um mestrado em filosofia. Quando percebeu que não gostaria de seguir carreira acadêmica atuou por um curto espaço de tempo como tradutora *free lancer* e em seguida começou a trabalhar em uma editora, segmento em que militou por 12 anos e só abandonou após o nascimento de seu filho. Durante o período em que ficou em casa, numa longa licença-maternidade auto concedida, surgiu o convite para preparar a programação da terceira edição da FLIP, em 2005.

Deonísio e Ruth falam sobre a relação entre jornalismo e literatura, discutem a questão dos gêneros do discurso e contam suas experiências à frente de duas grandes instituições.

Contracampo: O jornalismo é uma forma de literatura? Como conceituá-lo na teoria dos gêneros do discurso?

Deonísio da Silva: Sim, é uma forma de literatura e às vezes o divisor dos estilos é tênue e são móveis as suas fronteiras. Graciliano Ramos enxugou muito o seu estilo, e o dos colegas de ofício, pelas saudáveis influências que exerceu, com a prática do jornalismo. Como se sabe, ele trabalhou de revisor no Correio da Manhã e corrigia muito os colegas. Certa vez, de tanto ver de novo o Carlos Castello Branco usar a expressão “via de regra”, escreveu ao lado do original: “via de regra é b...” Faço coisa semelhante quando ouço colegas dizerem que fizeram uma colocação em congresso. O galináceo faz melhor suas colocações e certamente sofre menos. É freqüente que nas universidades destruamos a beleza da língua portuguesa, que tem um modo delicado de dizer as coisas, como recursos maravilhosos, infelizmente desconhecidos da maioria de falantes e escreventes. E ainda recebe em cima da cabeça as novas dez pragas do Egito, lideradas pelo gerundismo, um horror!

Contracampo: Como a FLIP trata o jornalismo literário na sua programação e qual a tendência para os próximos anos? Poderia haver uma discussão mais ampla e conceitual?

Ruth Lanna: Não dá para afirmar como a FLIP tratará desse tema nos próximos anos. Acredito na idéia, um tanto genérica, é bem verdade, de que enquanto existirem jornalistas/escritores fazendo um trabalho interessante, eles poderão ser convidados pela festa. Vale lembrar que vários escritores e jornalistas já foram convidados, não aceitaram o convite por algum motivo, mas voltarão a ser convidados, como Philip Roth, John Coetzee, Robert Fisk, Seymour Hersh, Kenzaburo Oe, entre outros. Quanto a uma discussão conceitual mais ampla e sistemática, acho difícil, pois fugiria da vocação da FLIP. Se você for pensar, apesar de ter uma ampla exposição na mídia, contar com um público de milhares de pessoas, a FLIP é um festival pequeno, intimista, de apenas quatro dias.

Contracampo: Seria possível constituir um gênero intitulado jornalismo literário, em que as estratégias narrativas do romance dessem cores a fatos do cotidiano? Como articular esses dois discursos?

Deonísio da Silva: Sim. O grande drama é narrar. O jornalismo precisa fazer mais e melhor isso. No cerne da necessária tensão entre narrar e descrever, o jornalista tem que se dar conta de que a foto e a imagem descrevem melhor do que ele, ele precisa narrar. E precisa aprender a narrar com os grandes narradores. A articulação começa por uma dieta de leitura diferenciada para quem faz jornalismo. Nenhum jornalista deveria receber o diploma sem demonstrar a leitura de obras fundamentais da literatura, não apenas da nossa, mas de outras literaturas também. Quem não leu Euclides da Cunha ou Gilberto Freyre, deveria envergonhar-se de portar o diploma. Ele será portador do diploma como alguém o é de alguma doença, no caso a ignorância crassa.

Contracampo: Neste ano, houve duas mesas sobre profissão repórter. Há uma tendência em discutir a relação entre literatura e jornalismo. De que forma a programação da FLIP pensou essa relação?

Ruth Lanna: Em 2005 convidamos para a FLIP o jornalista americano Jon Lee Anderson e o português Pedro Rosa Mendes, que participaram de uma mesa-redonda que chamamos de “Zona de conflito”. Eu tinha lido há muitos anos o livro *Baía dos Tigres* e tinha ficado muito impressionada. A essa forte impressão se somou uma viagem a Portugal, um contato maior com pessoas que estiveram nas guerras coloniais e a constatação de quão distantes nós brasileiros estamos desse passado recente de Portugal, que também pode ser encontrado em bons romances de autores portugueses importantes. Antonio Lobo Antunes, talvez o exemplo mais significativo dessa literatura, foi convidado, mas não pôde participar. O Jon Lee Anderson estava para lançar um livro no Brasil e a guerra no Iraque e Afeganistão estava diante dos nossos olhos, para ser melhor compreendida. Assim nasceu aquela mesa, que foi bastante elogiada pelo público.

A FLIP não tem a pretensão de ser um fórum de debate acadêmico, mas não por isso deixa de ser uma oportunidade para a discussão. O público é muito variado, mas é um público muito interessado, que se desloca para a cidade para ouvir os autores convidados. A isso se somou a minha experiência em editoras, que me dizia que o público brasileiro gosta da não-ficção. Desse ponto de vista, a idéia de jornalismo literário ou narrativo faz muito sentido. E com isso em mente é claro que pensamos em convidar a Lillian Ross e acabou que esse convite ficou para esse ano. Dito isso, não creio que a discussão entre literatura e jornalismo seja “uma tendência”, mas apenas mais um debate relevante, rico e atual a ser melhor elaborado no Brasil.

Por falar da programação, e aí vem o que eu chamei de “circunstancial” na nossa conversa telefônica, fomos contatados pela revista *Piauí*, que àquela altura ainda não tinha nome e pensava que a FLIP poderia se o palco de seu lançamento. O projeto da revista tem afinidades com o universo da FLIP e a parceria se estabeleceu naturalmente. Pensamos que poderíamos adotar o modelo que já existe em outros festivais de uma espécie de patrocínio por mesa-redonda. Idealizamos algumas mesas, começamos os convites e a parceria resultou nas duas mesas “Profissão repórter”.

Contracampo: Alguns de seus romances, como *Orelhas de Aluguel*, por exemplo, partem de acontecimentos veiculados na imprensa. Qual é a fronteira entre ficção e realidade na sua obra?

182

Deonísio da Silva: Escrevi *Orelhas de Aluguel* pressionado pelo noticiário que lia no período e pelos artigos que escrevia na imprensa. O neonazismo dava mostras de ressurgimento no Brasil meridional e aquilo mexeu comigo. Ouvia falarem mal de judeus e era amigo de Moacyr Scliar, de Maurício Rosenblatt, o fundador da Feira do Livro de Porto Alegre, e de escritores que escreviam na imprensa, como Josué Guimarães (na Folha de S. Paulo, mas morando em Porto Alegre) e Luís Fernando Veríssimo. Fui compelido interiormente a dar uma versão que fosse minha e a minha só podia ser a da ficção, é onde eu sou mais eu.

Contracampo: Ainda pegando carona na pergunta anterior, qual é a sua opinião sobre o jornalismo literário, que inclui desde o new journalism americano até o romance reportagem, passando por autores como Tom Wolfe, Lillian Ross etc.? A própria Cia. das Letras iniciou uma série de sucesso sobre o tema, que não chega a ser best seller, mas tem leitores fiéis e de excelente nível cultural. Não seriam exatamente esses leitores fiéis e qualificados o público da FLIP?

Ruth Lanna: Prefiro não responder a essa pergunta. A programação de uma festa como a FLIP nem sempre reflete a opinião pessoal de quem a faz. Mas posso dizer sim que eu adoraria poder ter convidado John Hersey e Joseph Mitchell, jornalistas que admiro muito. Acho que uma parte do sucesso da FLIP se dá pelo fato da festa contar com um público de leitores fiéis de formação e interesse os mais variados, público este que nem sempre

está presente nos eventos literários que acontecem no dia-a-dia das cidades, em geral mais voltados para um público restrito.

Contracampo: A objetividade, a clareza e a concisão, características do texto jornalístico, podem ser utilizadas na literatura. Como?

Deonísio da Silva: Sim, claro, da seguinte forma: quem quer ser jornalista, além de levar a sério o curso, comparecendo a todas as disciplinas, pois a relação bunda-cadeira-hora é muito importante no ensino, deve ler os mestres. Ler os mestres. E não apenas os literários, embora às vezes sejam os mesmos, como é o caso deste esplendor de nossas letras que é o jornalista Moacir Japiassu, também autor de romances vulcânicos, pertinentes e principalmente muito bem escritos. Aproveito para reiterar o que já disse num comentário. Estudos biográficos, como o que você fez do Adolfo Bloch, iluminam a verdadeira vida de quem faz nossa imprensa e estas leituras são indispensáveis para averiguarmos os bastidores daquelas vidas que garantiram a tantas as condições para escrever, como ele garantiu a Carlos Heitor Cony, e Roberto Marinho a Nelson Rodrigues.

Contracampo: Você me disse por telefone que a organização tem um caráter “circunstancial”. Pode explicar melhor?

Ruth Lanna: A nossa conversa ficou interrompida. O que queria dizer quando fiz esse comentário é que o processo de preparação de uma festa como a FLIP, tanto da programação dos 19 eventos que acontecem no que chamamos a Tenda dos Autores, como do conjunto do evento, é muito dinâmico. Não há uma carta de intenções definida de início que para que a partir dela se cumpra uma programação. O que há, isso sim, é uma idéia geral, uma orientação, de que a programação deve buscar a diversidade, tanto de gêneros, como de representantes. Não há uma obrigatoriedade de que o autor convidado esteja lançando um livro inédito no Brasil, mas as informações sobre lançamentos são importantes e muitas vezes um bom ensejo para definir uma mesa-redonda.

Contracampo: A crítica literária é jornalismo? Quais são as diferenças entre a crítica praticada na década de 1970 e agora? As resenhas comerciais tomaram o lugar da crítica esclarecida?

Deonísio da Silva: A crítica literária verdadeira floresce nas universidades, com monografias, dissertações e teses, mas são, usualmente, escritas num português hermético, de difícil compreensão. A dos jornais ganha em objetividade, mas perde em conteúdo porque a maioria de seus autores não tem café no bule. Na década de 70 irrompeu o estruturalismo, que triunfou entre nós, desprezando a biografia dos autores das obras examinadas. Já é tempo de verificar, como você faz tão bem na universidade, conciliando sua prática de jornalista com sua formação de PHD, quem foram as pessoas que fizeram e fazem nossa imprensa e, principalmente, como a fizeram e fazem, e à luz de quê tiveram aqueles projetos de vida e de trabalho e não outros.

Contracampo: A FLIP tem uma boa exposição na mídia brasileira. Como é estabelecida essa relação?

Ruth Lanna: Embora eu não tenha trabalhado na FLIP desde a sua primeira edição, posso afirmar que a relação entre a Festa e a mídia foi estabelecida com naturalidade e profissionalismo. Apesar de os jornais e revistas terem cada vez menos espaço e condições para tratar adequadamente de livros, com resenhas críticas e entrevistas, ainda temos cadernos diários que falam de eventos culturais. Isso cria um caminho natural para o diálogo entre a FLIP e os jornalistas responsáveis pelas editoriais de cultura.

Vale notar que a FLIP é uma festa da literatura, mas também um evento realizado por uma ONG/OSCIP, a Casa Azul, que atua em Parati já há algum tempo. A FLIP é um exemplo concreto da busca de alternativas para o desenvolvimento sustentável de uma cidade tão rica quanto Parati, tanto do ponto de vista do patrimônio histórico, cultural, material, humano, quanto ecológico. Eu poderia contar mais sobre esse projeto em outro momento, mas lembro dele agora porque ele também é, em si, assunto para a imprensa. Notamos um interesse real nessa realização, interesse que também se manifesta, por exemplo, no contato que fazem com a equipe pessoas interessadas em montar festivais similares em suas cidades.

Contracampo: Apesar de sua formação em Letras (da graduação ao doutorado), você dirigiu a maior faculdade de Comunicação do país por dois anos. Em que situações tal formação foi benéfica e/ou insuficiente no seu trabalho? Como devem ser os currículos de comunicação?

Deonísio da Silva: Quando assumi o cargo, liderei mudanças que, estou certo, se o antigo diretor continuasse, endossaria, pois novas realidades exigem os respectivos ajustes e mudanças. Naturalmente, por trás das mudanças havidas estiveram os altos discernimentos do fundador da Estácio, não por acaso um escritor, o que explica nosso perfeito entendimento. Se deficiências houve no percurso, foram minhas, de mais ninguém, pois o diretor é o principal responsável por fracassos ou êxitos. Mas em resumo deixamos o Curso de Comunicação bem avaliado pelo MEC, com dois MB e um B. Ganhei muito, seja como professor, seja como escritor e como intelectual empenhado em entender a vida. Acho, e me dizem meus colegas de travessia, que foi bom para o curso contar com um profissional do meu perfil, pois fizemos uma mudança radical no ensino de algumas disciplinas, especialmente de Língua Portuguesa, que agora espalha por toda a universidade o novo modo de ensiná-la testado em Comunicação Social, fazendo do livro a figura solar do ensino de português, administrando aos alunos boas dietas de leituras e fazendo com que escrevam mais e melhor. Os currículos de comunicação devem recuperar logo as Humanidades ao lado de competências específicas, o jornalista e o publicitário devem cada vez mais receber uma sólida formação nessas áreas, que aperfeiçoe as teorias da comunicação e as modulem.